

DESASTRE NO MORRO BOA VISTA

Um mês depois e sem aluguel social, famílias voltam para casas

Somente 15 famílias estão recebendo benefício fornecido pela prefeitura

LEANDRO NOSSA
WESLEY RIBEIRO

Há um mês, a comunidade do Morro Boa Vista, Vila Velha, viu a morte de perto quando pedras deslizaram da encosta e varreram parte da região, e 1.300 pessoas deixaram suas casas. Hoje, sem o aluguel social e sem esperanças, muitas famílias voltam a ocupar o morro, ainda cheio de casas vazias e famílias que resistem, mas não conseguem dormir.

Desapontado com a qualidade do atendimento no abrigo oferecido pela prefeitura - em uma escola - e com a negativa de prazos para o benefício social, o auxiliar de limpeza Graziano de Souza, de 35 anos, e a esposa, estão entre os que subiram o morro de volta.

“A comida no abrigo é nojenta. Os banheiros estão sempre imundos. Até hoje nem sinal do aluguel social. Ficaremos cara a cara com as pedras. Se eu morrer, amanhã enterram”, desabafa.

Ontem a prefeitura começou a pagar o aluguel social, no valor de um salário por mês. A família de Graziano não está entre 15 famílias beneficiadas. O número de pessoas afetadas é maior, mas a prefeitura não informou quantos solicitaram o aluguel social.

O técnico em segurança do trabalho Jeremias Santos diz que teve a estrutura

“**Não temos como sair e pagar aluguel. Além disso, precisamos terminar a reforma da nossa casa**”

GIDEONI MENDES
PORTEIRO, 47

da casa abalada e que não pode voltar com a esposa. Ele também não foi contemplado pelo aluguel social.

“Há um mês passo a situação constrangedora de estar morando no abrigo com minha esposa em meio a tanta gente e até agora não recebi o dinheiro para buscar outro local para morar. Está bastante complicada a nossa situação”, disse.

Já o porteiro Gideoni Mendes, 47, estava reformando a casa quando na época desastre e diz que não pretende sair do local. “Não tenho condições de pagar um aluguel e gosto daqui.”

Ao todo, 17 famílias continuam abrigadas, totalizando 50 pessoas, segundo o município. A prefeitura diz que os abrigados recebem cinco refeições diárias e que o cardápio é elaborado e su-



Gideoni resiste a sair da área de risco no Morro Boa Vista, em Vila Velha

CARLOS ALBERTO SILVA

FORA DE CASA

50

pessoas

Continuam no abrigo disponibilizado pela Prefeitura de Vila Velha.

pervisionado por uma equipe de nutricionistas. Diz ainda que a limpeza dos banheiros ocorre todos os dias e o aluguel social será concedido nos próximos dias.

E se há descontentamento com o abrigo, há medo no morro. A dona de casa Camila Aparecida Sater, que também voltou para a área de risco, diz que a preocupação domina a família todos os dias. “Dormimos todos no mesmo quarto. Eu, meu marido e meus filhos. A gente deixa o portão aberto para correr se precisar, é difícil também pegar no sono durante a noite ainda, o trauma foi grande”, afirmou.

OBRAS

Para conter as pedras menores em caso de novos deslizamentos, um muro de impacto de 16 metros de largura por cinco metros de altura está sendo construído. Segundo a prefeitura, já foi concluída a amarração com cabos de aço da rocha localizada no topo e foram iniciados os trabalhos de contenção da pedra maior - com cerca de três mil toneladas - que se desprendeu e rolou morro abaixo.

CARLOS ALBERTO SILVA



Sem esperança

Desapontado com as condições do abrigo, o auxiliar de limpeza Graziano de Souza, de 32 anos, conta que preferiu voltar e encerrar os riscos. “Se eu morrer, amanhã enterra”, desabafa.

CARLOS ALBERTO SILVA



Obras

Um muro de impacto de 16 metros de largura por cinco metros de altura está sendo construído para conter as pedras menores em caso de novo deslizamento.

MARCELO PREST



Aluguel social

O técnico em Segurança do Trabalho Jeremias Santos diz que teve a estrutura de sua casa abalada e não pode voltar para o local, mas ainda não recebeu o aluguel social.